

porã,
duba

PUC-SP - 23/06/86 - n.º 116

AO BARULHO DA PUC

A alta taxa de decibéis da Universidade ressoa e interfere no trabalho do dia-a-dia, aumentando o índice de nossa poluição.

*E mais: Os candidatos da Puc, pág 3 * Uma visita à Deric, pág 4 * Novos trabalhos da Educ , pág. 5*

Carta dos editores

É quase impossível dar ou assistir aula no prédio novo em alguns momentos do dia. O congestionamento do trânsito na porta dos estacionamento e a aglomeração de pessoas na lanchonete torna o barulho insuportável. A repórter Nelcy Del Grossi foi ouvir médicos, fonoaudiólogos, técnicos da Cetesb, e algumas vítimas, os alunos. Todos consideram a situação grave, mas a única indicação de uma saída para o problema foi a notícia da formação de uma comissão para estudar a situação ambiental da PUC. A esperança é de que nós ainda possamos ouvi-la quando apresentar as suas conclusões.

Mas o barulho na PUC deve aumentar ainda mais no segundo semestre quando a campanha eleitoral esquentar. Como em 82, há vários professores candidatos e, com certeza, muita gente de fora virá disputar

esse precioso reduto eleitoral. Neste número mostramos quem são os candidatos vinculados à Universidade.

O Porã'duba mostra também um pouco do trabalho da Deric (Divisão de Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação), uma importante experiência de ensino, pesquisa e prestação de serviços; e da Educ (Editora da PUC), empenhada no projeto "Torne-se um Autor" aberto aos alunos de graduação que têm a oportunidade de tirar seus trabalhos acadêmicos da gaveta.

Com esta edição encerramos um semestre de transformações no jornal. O saldo parece ter sido positivo. As respostas têm sido boas e as críticas estimulantes. Elas são o ponto de partida de um novo trabalho que começa em agosto.

COMISSÃO EDITORIAL EXECUTIVA

Professores — jornalistas: Laurindo Lalo Leal Filho (Mtb 12.110/Mat. Sind. 300); Gabriel Prioli (Mtb 361/Mat. Sind. 4967); Valdir Mengardo (Mtb 12.347/Mat. Sind. 6707).
Funcionária — jornalista Vera Lúcia Ramos da Silva
Aluna de jornalismo — Cláudia Giudice de Menezes.

REDAÇÃO

Mara Gama (edição), Nelcy Del Grossi (reportagem), Gerson Sintoni (reportagem e fotografia), Cláudia Giudice de Menezes (reportagem e fotografia).

ARTE

Regina Delfino (logotipo) Valdir Mengardo (projeto gráfico e diagramação), Silas Botelho Neto (diagramação).

Colaboraram nesta edição: Luis Egypto, Augusto Nazário (foto) Hilton Mercadante (ilustração) e Francisco Otoni Coelho Neto (serviços fotográficos).
PORÃ'DUBA circula quinzenalmente com distribuição gratuita e é editado sob a responsabilidade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Rua Monte Alegre, 984, São Paulo, SP, Cep 05014 — Tel (011) 2630211 ramal 227.
Composição e Impressão: Cia. Editora Jorúes. Tiragem 15.000 exemplares. Porã'duba — em tupi: notícia.

Poucas

&

Boas

Dinheiro de volta

A PUC está restituindo a diferença resultante da correção dos pagamentos das mensalidades deste semestre e que foram pagas em dezembro de 1985 (matrícula antecipada) e em janeiro deste ano (matrícula regular).

Segundo comunicado da Reitoria "os alunos que efetuaram o pagamento da primeira parcela da primeira semestralidade de 1986, em dezembro, no valor de Cz\$ 553,16, têm direito a uma restituição de Cz\$ 182,10; os que efetuaram o pagamento da mesma parcela em janeiro deste ano têm direito a uma restituição de Cz\$ 79,43".

Para receber esse reembolso os alunos deverão comparecer à Tesouraria, na sala T-52, Prédio Velho, munidos dos carnês quitados e do comprovante de pagamento da primeira parcela (recolhida no Banespa no ato da matrícula), até o próximo dia 30. A restituição será efetuada dez dias depois do recebimento da solicitação pela tesouraria.

Prazo final

Termina nesta terça-feira, dia 23, o prazo para o encaminhamento dos requerimentos aos Diretores Comunitários de Centros para análise de casos especiais dos alunos em débito com a PUC.

Esses requerimentos devem estar acompanhados de um levanta-

mento do débito do aluno feito pela tesouraria, com o respectivo parecer dessa seção; comprovação da renda pessoal e familiar através de hollerit e do imposto de renda e outros documentos que o aluno julgar oportuno para justificar sua situação.

Informativo popular

O Instituto de Estudos Especiais da PUC (IEE) está lançando o seu Informativo Popular Latino-Americano, nº 28, onde debate três temas do momento: a reforma agrária, o pacote econômico e a situação política do Haiti, depois da queda do "Baby Doc".

O IEE é responsável também por uma série de publicações destinadas às camadas populares, escritas em linguagem simples e acessível a todos. Entre os livros indicados no boletim estão "A cultura do povo", "A Igreja dos pobres na América Latina", "O mundo do menor infrator", "A virada do século na América Latina", entre outros. O Informativo Popular Latino-Americano e todas as publicações do IEE podem ser solicitadas diretamente ao Instituto, na PUC, Rua Monte Alegre, 984, Cep 05014, São Paulo.

Ensino vocacional

Os Ginásios Vocacionais do Estado, responsáveis por uma série de inovações no ensino público de São Paulo tiveram vida curta, blo-

queados pelo obscurantismo do final dos anos 60. Essa experiência começa a ser lembrada com a criação da Associação Pró-Ensino Vocacional (Aproev) que pretende reunir ex-alunos, professores e amigos das escolas vocacionais do Estado.

No ato de instalação, realizado no dia 18, quarta-feira, na Assembleia Legislativa, ficou claro que a entidade não pretende apenas registrar saudosamente a memória dos vocacionais. Seu objetivo, na realidade, é defender a escola pública, tão aviltada nas últimas duas décadas. A presidente da Aproev é a professora Maria Nilde Mascellani, da Faculdade de Psicologia da PUC.

Polícia mais perto

A Reitoria tem estabelecido contatos com autoridades policiais visando reforçar o policiamento externo ao campus. Obteve duas promessas: da Secretaria de Segurança Pública que se comprometeu a manter uma viatura da Operação Pólo nas imediações da Universidade nos horários de maior movimento e da delegacia do bairro que se dispôs a colocar policiais também nas ruas próximas à PUC.

Na última reunião do Conselho Comunitário, na quarta-feira, dia 18, essas providências foram debatidas e se levantou a questão das delicadas e traumáticas relações da PUC com a polícia, ficando estabelecido que a entrada dos policiais na Universidade só ocorrerá com autorização expressa dos responsáveis acadêmicos ou administrativos.

Balanço da antropologia

"Estamos nos tornando cronistas de banheiro" desabafou o professor Edgard de Assis Carvalho durante uma reunião realizada para fazer um "balanço da Antropologia", no último dia 9, na PUC.

Na mesa, além de Edgard, estavam as professoras Maria Helena Villas Boas Concione, chefe do Departamento de Antropologia, e Jossildeth Gomes Consorte.

Edgard lembrou um trabalho dos anos 50 de Florestan Fernandes onde ele dizia que a Antropologia brasileira trabalhava mais com a explanação descritiva do que com a interpretativa. Para Edgard realmente "temos descrição sem interpretação e com isso a Antropologia fica uma ciência da etnografia".

Depois de falar sobre as mudanças ocorridas a partir daí, Edgard levantou a questão da necessidade de articular Antropologia, Psicanálise e Filosofia, lembrando uma frase do próprio Florestan: "Antropólogo sem filosofia e sem psicanálise não é antropólogo".

Fim da feira

O problema dos "guardadores" de carros em volta da PUC está incomodando também os vizinhos da Universidade. Tem gente que não pode mais parar o carro nem em frente à sua própria casa, sem ser cobrada por um "guardador". E quem recusa o "serviço" recebe ameaças.

Agora os moradores da Ministro Godói resolveram fazer um abaixo-assinado pedindo providências à polícia e aproveitaram para reivindicar da Prefeitura o fim da feira realizada naquela rua. O Secretário Municipal do Abastecimento, Celso Matsuda, prometeu desativar a feira em 60 dias.

Brasil e Estados Unidos

Começa nesta terça-feira, dia 24, uma série de conferências onde serão apresentados estudos comparativos das sociedades brasileira e norte-americana. A promoção é do Irla (Instituto de Relações Latino Americanas da PUC) e da Universidade de Nova Iorque. Serão dis-

cutidos os seguintes temas: "A escravidão e seu impacto nas instituições sociais", "A imigração e a formação da identidade nacional", "Os sistemas de desigualdades raciais, étnicas e sexuais" e "O movimento operário e as reformas sócio-econômicas".

Foram convidados para as exposições os professores Milfred Fierce, Johnnetta Cole e Stanley Aronowitz, da Universidade de Nova Iorque e Neuza Maria Mendes de Gusmão, Terezinha Bernardo Schettini e Salvador Sandoval, da PUC. As conferências serão realizadas sempre das 9 às 12 horas, do dia 24 de junho ao dia 18 de julho. Maiores informações com Raul — fone 65.7715 — pela manhã.

Roubaram

o DCE

A segurança da PUC continua sendo testada. Desta vez o alvo foi a lojinha do DCE, localizada no sub-solo do prédio novo. Mas não se tratava de uma nova reportagem. Era roubo mesmo. Na segunda-feira, dia 17, a funcionária Elizabeth Macedo Pereira ao chegar para trabalhar encontrou a porta, que estava fechada, com cadeado arrombado.

Segundo o proprietário da lojinha, Manfredo Bruno Abib, que ocupa há apenas três semanas a sala do DCE o prejuízo pode ser calculado entre 15 a 20 mil cruzados. Foram levados blusões, calças e camisetas. Ele procurou os seguranças da PUC e foi informado que ninguém viu nada. Soube também que no fim de semana (14 e 15 de junho) havia sido escalado apenas um segurança para cobrir todo o prédio novo e que no dia do jogo do Brasil (segunda-feira, dia 16) 90% dos seguranças estavam de folga. Não dava para ver nada mesmo.

nova piada faraônica: o Parque Tietê.

Para completar a festa vem sua mulher, a coitadíssima d. Eloá, pedir ajuda aos centros acadêmicos, falidos por natureza, para a Campanha do Agasalho, dizendo entre outras, que a prefeitura é pobre. A pergunta é: não haveria outras coisas prioritárias a serem feitas, como por exemplo a despoluição do Rio Tietê, ao invés de gastar Cz\$ 34 bilhões somente com a desapropriação da área, só com o intuito de passar mais uma vez para a história?

De duas, uma, ou nossos governantes são muito ingênuos, ou pensam que nós brasileiros, somos todos burros."

Edson Carlos Gomes, aluno do 1º ano de Direito.

Falta de respeito

"Quando chegamos para prestar o concurso para escriturário II da PUC, marcado para a 2ª feira, 16 de junho, ficamos surpresas com a notícia do seu adiamento, devido a um pedido feito por alguns funcionários. Surpresa maior foi saber que o pedido havia sido atendido mesmo com o recurso sendo assinado por apenas 20 candidatos e tendo chegado às mãos da Coordenadoria de Recursos Humanos às 16:30 hs. da sexta-feira, quando não havia mais tempo de avisar a totalidade dos inscritos sobre o adiamento. O que nos leva a per-

guntar qual lugar cabe aos 62 funcionários restantes? Ou será que eles não são tão dignos como os outros de consideração?

Mas o mais lamentável é que a responsável pelo concurso tenha reunido em uma sala os 62 funcionários esquecidos e mais alguns que assinaram o pedido de adiamento, para informar que não seria mais possível a realização da prova naquela manhã, pois a professora que iria aplicá-la foi informada do pedido de adiamento e marcou outro compromisso para o mesmo horário. Segundo a responsável pelo concurso a presença da professora era indispensável para o bom desenvolvimento das questões. No entanto no dia 17, terça-

feira, a prova foi realizada sem a presença 'indispensável' da professora. Acreditamos que passou e muito da hora de aceitarmos passivos tudo o que acontece. Temos que exigir o que nos é de direito para que situações como estas sejam riscadas para sempre das relações que se dizem 'democráticas'.

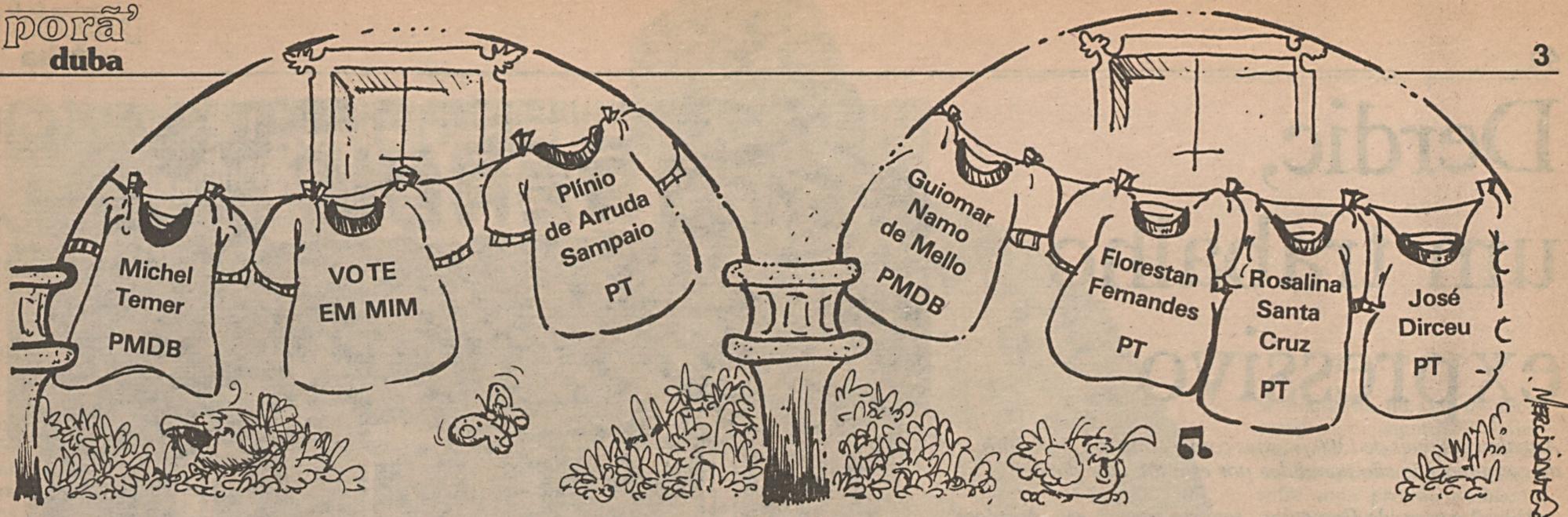
Angela Cristina Pinheiro e Amélia Carvalho, funcionárias do setor de bolsas.

A correspondência para o Porã'duba deve ser entregue na redação (subsolo do prédio novo) ou enviada para a Rua Monte Alegre, 984, Cep 05014 — São Paulo, SP. Por motivos de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.

Cartas

Demagogia janista

"Não é em vão se dizer que em São Paulo inexistem políticos, e sim discursadores brilhantes. Mais uma prova disso é o Sr. Jânio Quadros, que com sua demagogia personalizada prometeu, acima de tudo, fazer uma administração séria. Porém, não só está deixando de fazê-la, mas conta com o dinheiro do povo para concretizar sua mais



A campanha eleitoral invade a PUC

Alguns não querem considerar os **campi** como reduto eleitoral, mas por aqui circulam quase 20 mil votos capazes de decidir uma eleição

A PUC é um excelente reduto eleitoral para a maioria dos professores e alunos candidatos a uma vaga no poder legislativo, nas eleições de novembro. O professor Michel Temer (ex-Secretário de Segurança Pública do Estado), do departamento de Direito Público, candidato a deputado federal pelo PMDB faz, inclusive, previsões extremamente otimistas. Segundo seus cálculos, se cada um dos 20 mil "puquianos" angariar mais 4 votos, ele será eleito constituinte com a bagatela de 100 mil votos. Já o professor Florestan Fernandes, do setor de Pós-Graduação, também candidato a uma vaga na Constituinte, mas pelo Partido dos Trabalhadores, tem uma opinião radicalmente contrária a esta tese. Florestan não se considera um "político profissional". Por isso, acha que "seria prejudicial para os candidatos considerar a PUC como reduto eleitoral; acho que ela é um espaço criativo que pode ser aproveitado".

E neste sentido, vários candidatos têm como plataforma a educação, já que é este o meio e espaço cotidiano. Guiomar Namó de Mello (ex-Secretária Municipal de Educação), professora do Pós-Graduação em Filosofia da Educação e candidata constituinte pelo PMDB, está disputando o espaço da PUC. Afinal, é da "casa" e, para garantir seus votos, tem uma plataforma que promete a democratização da escola básica e a revalorização do magistério. Dentro da Universidade, propõe que a licenciatura e o magistério formem os professores, além de firmar compromisso com a educação para as escolas públicas e promoção de boas faculdades particulares. José Dirceu, estudante do Pós-Graduação e mito do movimento estudantil da PUC, é candidato a deputado estadual pelo PT e promete lutar por

suas bases. Sua plataforma terá três eixos básicos: a democratização da Universidade, o ensino público e gratuito e o desenvolvimento da pesquisa científica. E, a partir da sua ligação com a história da PUC (José Dirceu foi militante estudantil da PUC na década de 60), espera ter condições de trabalho com a comunidade da PUC e conduzir seu partido na direção de uma votação expressiva.

"Sem paixão não dá"

A unidade do partido será também garantida por Plínio de Arruda Sampaio, professor do departamento de Economia (atualmente licenciado) e candidato constituinte pelo PT, que tem suas propostas de atuação baseadas nas propostas do partido. Basicamente, ele defenderá as questões da terra (reforma agrária, terra urbana, terra dos índios, proteção da natureza), a educação (ensino livre, democrático e gratuito através de um eficaz sistema de bolsa de estudos e um rigoroso processo de seleção pelo mérito para que o acesso à Universidade não seja um privilégio, mas contrapartida do esforço e talento) e ainda lutar pela participação popular no governo.

A iniciativa popular faz também parte da plataforma de Michel Temer, que propõe o controle do povo sobre os governantes através da figura de um "Procurador do Povo", escolhido pelas comunidades para fiscalizar assuntos de qualquer natureza que envolvam o interesse público. Mas Florestan Fernandes vai mais longe dizendo que é "a favor de que os políticos percam o mandato assim que perderem a confiança de seus eleitores". Portanto, ele prega uma marcação cerrada mas garante que o seu eleitorado terá nele um compa-

nheiro disposto a lutar, dentro dos seus limites intelectuais e políticos, pelos interesses reais do proletariado como classe e de suas organizações sindicais, partidárias e culturais.

Dentre tantos candidatos da PUC, a professora Rosalina Santa Cruz, da Faculdade de Serviço Social, que é candidata a deputada estadual pelo PT, tem uma plataforma no mínimo inusitada. Sagitariana, seu lema de campanha é "Sem paixão não dá", defendendo a vida e o meio ambiente, sempre envolvendo questões como a liberdade e as mulheres. Definindo-se como candidata feminista, Rosalina promete batalhar pelo plano de saúde integral da mulher, acesso à contracepção e pela descriminalização do aborto, defendendo assim uma sexualidade plena. Guiomar Namó de Mello também tem a mulher como plataforma. Ela promete legislar em defesa da mulher para acabar com a discriminação no trabalho e na política, e garantir melhores condições de saúde.

Entre tantas propostas apresentadas, existe, porém, um único consenso em relação aos candidatos do PT. Todos em seu programa têm como principal bandeira o socialismo.

Geração de Revolucionários

José Dirceu pretende, nesse sentido, formar grupos de apoio ao PT que possam se transformar, mais tarde, em núcleos do partido pelo socialismo.

Os núcleos de apoio às candidaturas e aos partidos não são, porém, um privilégio do PT. Michel Temer informou que tem diversos alunos e ex-alunos da PUC colaborando na sua campanha e, portanto, para o PMDB. Ele considera este apoio importante porque vê na PUC o meio natural de propa-

gação de sua campanha, já que é professor aqui desde 69.

Todos os candidatos precisam de um partido, e a escolha partidária foi explicada pela identificação com propostas e através da história política de cada um. Guiomar Namó de Mello fundou o PMDB e considera que seu partido teve um papel decisivo na conquista da liberdade civil; logo, este papel ainda deve ser cumprido na Constituinte. Já Plínio Sampaio conta que, a pedido de Lula, redigiu o Projeto de Estatuto para encontro da fundação do PT e logo depois se filiou ao partido. Michel Temer possui relação formal recente com o PMDB, filiando-se somente durante a campanha para a eleição de Montoro. Porém, sempre foi simpatizante do partido. Outro militante novo é Florestan Fernandes, que escolheu o PT porque considera que "no momento atual é o único partido que se recusou à conciliação de classes e, para um intelectual marxista como eu, isso é fundamental". Zé Dirceu e Rosalina escolheram o PT porque têm na sua história uma tradição de combate à ditadura. Rosalina é ex-presa política e participou da campanha pela anistia. Para Zé Dirceu, o PT é a concretização do sonho de várias gerações de revolucionários, porque resgatou as lutas da década de 60, a resistência em 70 e hoje é a opção para os que lutam pelo socialismo.

Além das diferenças partidárias e de plataforma, cada candidato teve uma maneira particular de se lançar ao pleito. Florestan Fernandes, pela sua tradição de intelectual combativo e preocupado com a luta dos trabalhadores, foi convidado pelo PT a lançar-se candidato. Inclusive Luis Inácio Lula da Silva, presidente do partido, afirma: "Não tenho dúvidas de que com o companheiro Florestan os trabalha-

dores terão um representante da maior dignidade no Congresso Nacional". Zé Dirceu, que também é secretário geral da seção paulista do PT há 4 anos, lançou-se candidato porque acredita que com o mandato popular poderá intensificar o trabalho de construção do partido e levar Suplicy ao governo do Estado.

Guiomar Mello e Michel Temer ainda são "virtuais" candidatos à convenção do PMDB, que só acontecerá em 6 de julho. Ambos, porém, podem ser considerados candidatos "de fato". Temer justifica sua candidatura dizendo que "sou candidato, primeiro porque milito na área do direito constitucional e, segundo, pela experiência que tive na vida pública como secretário da Segurança Pública, que, a meu ver, deixou uma imagem positiva". Guiomar acredita que sem um legislativo sério não existe democracia, portanto, na sua opinião, é importante que em novembro aconteça uma renovação e ela seria uma das pessoas indicadas para dar a seriedade necessária à Câmara dos Deputados.

Para Rosalina e Plínio, a candidatura simplesmente aconteceu. A dela foi lançada por suas bases femininas, com as quais trabalha há muito tempo. E Plínio explica sua candidatura dizendo que "os conhecidos estimulam, o partido espera que seus militantes politicamente mais articulados se candidatem, os grupos de base indicam e quando a gente menos espera vê a própria cara estampada em algum muro..."

E os muros que se cuidem, porque depois do fim da Copa todos os candidatos entrarão com força total na campanha. O espaço visual da PUC, já totalmente poluído, será tão concorrido quanto a central de out-door, mas com uma grande vantagem: a propaganda aqui é de graça.

Derdic, um trabalho expressivo

Anualmente mais de 1300 pessoas com algum tipo de distúrbio da comunicação são atendidas por esta unidade da PUC

Abigail Aparecida Gama de Jesus mora no Jardim Bonifácio, Itaquera II. De segunda à sexta-feira, religiosamente, ela atravessa a cidade em direção à Vila Clementino para levar seu filho à uma sessão de Terapia Fonoaudiológica na Derdic (Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação). Assim como o filho de Abigail, 1370 pessoas entre crianças, adolescente e adultos, com algum tipo de deficiência comunicativa são atendidos anualmente por esta unidade da PUC.

A história da Derdic é antiga. Começa em 1954 com a criação do Iesp (Instituto Educacional São Paulo), uma escola para deficientes auditivos. Em 69 o Iesp é doado à Fundação São Paulo e passa a integrar a PUC. A partir daí, ele foi ampliado passando a atender todas as faixas etárias com os mais diversos problemas da comunicação, em regime de clínica, como acontece até hoje. Após a reforma universitária o Iesp passa a chamar-se Derdic e, finalmente, em 77, a Derdic é integrada à Cogec (Coordenadoria dos Órgãos Complementares).

“Ninguém serve de cobaia”

De acordo com o professor Jarbas Batista de Oliveira, diretor geral da entidade, o termo “complementar” é interpretado pela equipe da Derdic como uma necessária relação de complementariedade com o acadêmico, pois, historicamente, ela sempre esteve ligada ao desenvolvimento do curso de Fonoaudiologia, a criação da habilitação em Edac (Educação de Deficientes da Audio-Comunicação) e ao surgimento do Pós-graduação em Distúrbios da Comunicação. Existem hoje cerca de 300 alunas do Fono e 75 de Edac realizando estágios nos diversos programas da Derdic. Com isso a Divisão torna-se um dos poucos lugares da PUC onde a teoria e a prática estão integradas. Porém, o professor Jarbas faz questão de frisar que a “Derdic é uma unidade autônoma, não vinculada a curso algum. Temos um universo próprio na realidade. Atendemos pacientes oriundos, na sua grande maioria, dos segmentos de menor poder aquisitivo da sociedade.” Nos-

os programas são definidos não apenas em função do acadêmico, mas, principalmente, da necessidade desta clientela. “Aqui ninguém serve de cobaia”, adverte.

Para se ter a noção exata da importância do trabalho desenvolvido na Derdic basta dizer que com seus dez programas de atendimento — Audiologia Clínica, Terapia Fonoaudiológica, Avaliação de Linguagem, Orientação Ocupacional e Escolar, entre outros — ela é o único lugar acessível às camadas populares, em São Paulo, em condições de atender a todos os distúrbios da comunicação (audição, linguagem, voz e fala). Fora a Derdic, existem as Classes Especiais do Estado e uma escola da Prefeitura, mas, ainda assim, ambos dirigidos apenas aos deficientes auditivos. Maria Natalina do Nascimento conta que sua filha Nélia, hoje com 15 anos, gastou a maior parte de sua vida educacional entrando e saindo dessas escolas públicas sem apresentar nenhum sintoma de melhora, pois, como afirma, “lá a professora trabalha sozinha. Ela não tem condições de ensinar nada”. Por isso mesmo, pouco importa à essas mães que tenham que tomar até três conduções diárias para levarem seus filhos à Derdic. Todas são unânimes em afirmar que eles apresentaram progressos significativos após iniciarem tratamento na Divisão. “Aqui existem mais condições de ensino, existe mais método”, explica Maria Natalina. Dessa forma, a Derdic acaba constituindo-se num dos poucos caminhos a que essas pessoas podem recorrer, pois, paralelamente ao projeto pedagógico, existe todo um trabalho de clínica, além de uma assistência permanente das estagiárias e profissionais aos pacientes.

A Integração na Sociedade

No entanto, esses resultados positivos não caem do céu. De acordo com a professora Cirley Motta, responsável pelo Sexco (Serviço de Extensão à Comunidade), órgão ligado a Derdic, todo trabalho desenvolvido na unidade pressupõe um conceito amplo de integração. “A dificuldade de quem trabalha com deficientes da comunicação não está na su-



Foto de Gerson Sintoni



Acima a fachada do prédio da Derdic. Abaixo a esquerda, as crianças do Jardim. A direita, atividade em classe.

peração do distúrbio apresentado, mas, também, na integração do deficiente à sociedade”, afirma. “Por isso o dinamismo do processo educacional na Derdic visa a integração. Nós queremos que daqui saiam pessoas ativas na sociedade”.

Foi pensando na importância da integração do deficiente que a Derdic, através do Sexco, sugeriu aos seus ex-alunos a formação de uma associação. A idéia agradou em cheio os ex-alunos que, por conta própria, mobilizaram-se e fundaram, em fevereiro deste ano, o Midasp (Movimento de Integração do Deficiente Auditivo de São Paulo), com o objetivo de organizar e reunir os deficientes auditivos em prol de sua própria integração, na defesa dos seus direitos. “Nossa grande surpresa, observa Cirley, foi o Midasp ter nascido como um movimento político, porque a idéia da participação política é a idéia mais ampla de participação social”.

Porém, apesar dos acertos, a Derdic apresenta problemas. Uma vaga em seus programas pode levar tempo. “Infeliz-

mente a demanda ainda é maior do que o atendimento. Dos 520 deficientes auditivos cadastrados, somente 200 estão em tratamento”, queixa-se o professor Jarbas. Edméia Soares Carlech conta que sua filha teve que ficar na fila de espera durante, aproximadamente, seis meses, para conseguir um lugar no programa de Terapia Fonoaudiológica.

De papel na mão

O ingresso de um paciente na Derdic começa por uma ficha no Cadastro Central. Este processo que parece simples muitas vezes complica-se, pois, como diz o professor Jarbas, “muitos chegam aqui somente com um papel na mão com o nome e nada mais”. No preenchimento da ficha são anotados todos os dados do paciente e sua “queixa”, ou seja, o distúrbio apresentado. Na etapa seguinte o paciente é submetido a diversas triagens: médica, de ensino, de avaliação de linguagem e a triagem clínica. Após essa bateria de exames,

com seu distúrbio já diagnosticado, o paciente é classificado “elegível”, ou não. Sendo “elegível”, o paciente é encaminhado a um dos dez programas. Existindo vaga no programa indicado ele inicia, imediatamente, o tratamento. Se não houver vaga, o paciente aguarda ser chamado. No caso dos pacientes não “elegíveis”, a Derdic os orienta, indicando-lhes os lugares a que devem recorrer.

Todos os dez programas que a Derdic oferece são pagos. Porém, como a maioria da sua clientela provém das camadas menos favorecidas, a Derdic estipula o pagamento de acordo com a renda familiar do paciente. Quem pode mais paga mais, quem pode menos paga menos. Quem não pode não paga, mas recebe tratamento.

No programa de Audiologia Clínica, por exemplo, dos 503 pacientes atendidos, 207 não pagam nada. Além disso, a Derdic mantém um convênio com a LBA (Legião Brasileira de Assistência), que reúne 80 crianças no Iesp e um outro convênio com a clínica São Camilo para Audiologia Clínica.

Obesidade, opção e armadura

Uma tese estuda a obesidade mórbida sob o enfoque existencial e propõe tratá-la como conflito de ordem emocional

Os pintores renascentistas tinham como ideal de beleza as formas redondas e robustas e até o meio deste século, gordura era sinônimo de saúde. Hoje os padrões estéticos se modificaram, o gordo deixou de ser saudável para tornar-se estranho e anormal aos olhos gerais. Regimes, dietas da lua, pílulas milagrosas e métodos de emagrecimento instantâneo são divulgados e alimentam a esperança dos que querem enxugar quilos e reduzir manequins.

A obesidade a partir de um enfoque fenomenológico existencial é o tema da tese que será defendida no dia 24 de junho pela professora Marina Pereira Gomes, do departamento de Psico-dinâmica da PUC. A tese trata de um tipo crítico de obesidade, a Obesidade Mórbida, característica das pessoas que pesam de 100 a mais de 160 quilos e convivem com doenças como a diabetes e a pressão alta, além do risco de vida.

Uma solução para este tipo de obesidade é uma cirurgia que reduz o espaço da câmara gástrica garantindo uma sensação de plenitude à pessoa. Após a operação, este indivíduo passa por um período crítico que é analisado por Marina. Além de cirurgia, o ex-obeso precisa se submeter a diversas plásticas para retirar os excessos de gordura de abdômen, braços, coxas, etc.

O obeso mórbido, segundo a professora, deve ser considerado como um doente que tem um mundo próprio e após a cirurgia precisa aprender a situar novas bases no espaço e no tempo. "O indivíduo gordo



que perde peso se desorganiza no tempo e no espaço, seu referente é drasticamente modificado, como se perdesse a identidade", coloca Marina. A princípio a sensação de perda é extremamente ruim, porque para o obeso, ser gordo é uma forma de ser no mundo e deixar de ser assim significa perder a própria identidade.

Além disso, a professora Marina percebeu no atendimento de pacientes obesos mórbidos que eles, além das li-

mitações espaciais como dificuldade para amarrar sapatos, vestir-se, andar de ônibus, ir ao cinema (produzindo uma enorme dependência), tinham, também, uma dificuldade de viver o tempo futuro. A existência do obeso está totalmente voltada para o passado, através de um recurso de valorização da estagnação do tempo e do "estar parado".

As relações interpessoais do indivíduo obeso são muito difíceis e provocam o afastamento

do contato com o outro. Vivendo dentro de um círculo vicioso, o obeso não sai de casa porque tem dificuldades em se locomover e de se relacionar, e por isso ele come, vivendo um constante refluxo.

O conflito decorrente da operação existe porque muitas vezes o gordo precisa ser gordo, esta é a forma para que ele possa reclamar e justificar a fuga do contato com as pessoas. Muitas vezes, esta dificuldade em se adequar ao novo espaço

se manifesta no fato do obeso emagrecer e engordar indefinidamente — o processo sanfona. Ele quer emagrecer porque sofre uma pressão ambiental muito grande, mas escolheu a gordura como opção e armadura.

Trocando o afeto pela comida

As deficiências de relacionamento são compensadas pelo alimento e muitas vezes esta compensação começa na infância. O choro infantil é eliminado pelo alimento oferecido pela mãe, que acredita aliviar dessa forma o estado de tensão ou carência da criança. A sensação de bem estar passa a ser conseguida somente pela ingestão de alimentos, tornando o indivíduo obeso e dependente. O alimento como troca de afeto é comum nas relações sociais.

Apesar do alimento ser uma das causas principais da obesidade, a professora percebeu que é comum o obeso dizer que não come muito e às vezes é até verdade: "o problema está no tipo de alimentação, as pessoas em geral comem errado e o metabolismo não consegue queimar as calorias".

Portanto, a Obesidade Mórbida é uma doença que precisa ser tratada, como um problema metabólico de ordem emocional: "o obeso escolhe esta forma de vida em decorrência de uma relação com o outro que não é satisfatória", conclui Marina. Por isso, o resultado anunciado em regimes de emagrecimento só será permanente se o obeso estiver preparado para conviver com um novo espaço e um novo tempo para seu corpo e sua atividade.

Editora quer publicar as boas idéias da PUC

Há doze anos nasce a Educ (doza da PUC), que tem passado por intensas modificações e funciona atualmente como setor da vice-reitoria acadêmica, diretamente comprometido com o projeto educacional da Universidade.

Segundo Maria do Carmo Guedes, atual diretora, entre as funções de uma editora universitária pode-se destacar o estímulo e publicação da produção da comunidade, ampliação do acervo da biblioteca universitária e a melhoria de qualidade das publicações, substituindo as apostilas e os xerox pelo livro.

No final de 84, quando assumiu a diretoria da Educ (composta também por Alfredo M. Rodrigues, assistente de direção, e Maria Tereza Ferraz, secretária) a gestão atual fez um levantamento sobre todas as publicações e projetos que a Educ tinha desenvolvido

para incrementar e ampliar o âmbito de atuação da editora.

Hoje a Educ se preocupa em atender não só às propostas de edições apresentadas, mas também em incentivar a produção cultural, buscar financiamentos e estudar alternativas para a circulação de nossas publicações.

Como apoio à pesquisa e à formação de pesquisadores, ela publica os "Resumos de Dissertações e Teses". Para atender uma demanda de textos vinculados aos projetos didáticos, ou para os "autores que estão testando suas asas" existe a coleção Pré-Print, com uma produção relativamente barata que propicia facilidade de circulação e aquisição.

Em torno de temas atuais e polêmicos da sociedade, a coleção Debates reúne análises e debates promovidos pela PUC e demais universidades, fazendo a ponte do

meio universitário com a sociedade.

Para por em prática esse amplo projeto, a Educ, através de levantamentos feitos sobre possíveis edições e patrocínios, busca verbas junto a agentes financiadores como a Funarte, Fapesp, CNPq e outros para os projetos de audiovisuais, de um vídeo sobre a PUC, um disco do CUCA e do Grupo de Chorinho, e para um "Album TUCA — 20 anos" (livro de arte sobre a história do TUCA). As verbas que a PUC libera cobrem apenas a publicação da Revista da PUC de São Paulo, a "Veredas".

A maioria do material da Educ é produzido fora da gráfica da PUC, mas, segundo Maria do Carmo, existe um projeto de interligar a gráfica à Educ, criando um espaço para formação de pessoal e estágio para os alunos de Jornalismo.

A nível externo, a Educ partici-

pa do PIDL (Programa Interuniversitário para Distribuição do Livro) junto com 45 universidades brasileiras, o que facilita o intercâmbio e a troca de publicações. Para fazer circular esta produção foi montada uma livraria, que funciona no térreo do prédio novo da Monte Alegre, e além disso a Educ vai ter um espaço na reunião anual da SBPC que se realizará de 9 a 16/07, em Curitiba.

Torne-se um autor

Com a perspectiva de transformar o aluno em autor e mexer com a forma de avaliação dos professores, a Educ criou uma publicação que divulgará os melhores trabalhos produzidos pelos alunos da graduação da PUC. Essa publicação será semestral e os trabalhos deverão ser encaminhados à Educ, até dia 20/08/86, com o máximo de 25 laudas (70 toques, 20

linhas), acompanhados de uma resenha (máximo de uma lauda) escrita pelo professor que corrigiu o trabalho. Esta resenha deverá conter uma apresentação do trabalho, a discussão de seu mérito e a justificativa de sua publicação.

Uma Comissão de Seleção, composta por um docente de cada faculdade que apresentar trabalhos, julgará os textos das diversas áreas. Os que forem selecionados serão publicados em coleção especial, o restante dos trabalhos poderá ser publicado na série Pré-Print.

Para Carlos Cavalcante, representante discente no Conselho Editorial, e para Alfredo Rodrigues Lopes, assistente de direção, o objetivo de uma editora universitária está sendo alcançada pela Educ, considerando as frentes de trabalho que foram abertas e a demanda que a PUC tem.

Um estrangeiro para o fim dos tempos

Na música "Killing an Arab", o vocalista, guitarrista e líder The Cure, Robert Smith, faz uma drástica evocação a Camus, o último suspiro dos pensadores humanistas.

De um lado, Robert Smith, o "dândi das trevas". Do outro, Albert Camus, o profeta do sol. Entre eles, mais que a distância que separa o frio londrino dos arrabaldes quentes de Argel. "Killing an Arab", música que fecha o disco "Concert — The Cure Livre", é uma lúgubre tentativa de conciliar o universo dark dos subúrbios ingleses ao gênero da tragédia solar criada pelo escritor argelino. A elegia purgatória de Smith faz uma desoladora evocação ao último dos humanistas, mas, num mundo a isolado pela consciência do irreversível, constitui uma desesperada ode escatológica.

Porque não é apenas a gritante diferença estilística existente entre a canção do The Cure e "O Estrangeiro", de Camus, que os situa nos espaços solitários reservados ao fim do Humanismo e ao fim da humanidade. Há, em cada um desses instantes, formas de consciência que acenam para mundos definitivamente perdidos e isolados. Patrice Meursault, o herói camusiano, desfila ao longo de umas poucas páginas sua inocente indiferença. Sucessão de acasos trágicos, a realidade oferece a Meursault seus frutos hedonísticos e a pena pelo pecado do prazer. Num praia "onde havia sido feliz", ele mata um árabe.

A sociedade vem e, implacável, acusa Meursault de não chorar a morte da mãe, iniciar relações amorosas quando deveria assar de luto e premeditar um assassinato junto a um indivíduo de "moral duvidosa". Mas Meursault desarma, no fluxo absurdo do cotidiano, a causalidade dos tribunais. E sentencia que tudo "fora por causa do sol".

Sartre dizia que "O Estran-

geiro" era "opaco aos significados e transparente às coisas". E filiava o estranhamento de Meursault à ordem do dia da filosofia existencialista. Semiologicamente, esse estranhamento abre uma grande porta para a compreensão da alucinada canção do The Cure. Porque, se a ausência de patetismo na novela tornava ainda mais poderoso o impacto do trágico, que surgia como numa cadeia natural de acontecimentos, em "Killing an Arab" a força do "estrangeirismo" de Meursault está investida precisamente nessa inversão de significados. Ao invés de uma tradução literal do francês, Robert Smith substitui *for-eigner* (estrangeiro) por *stranger* (estranho).

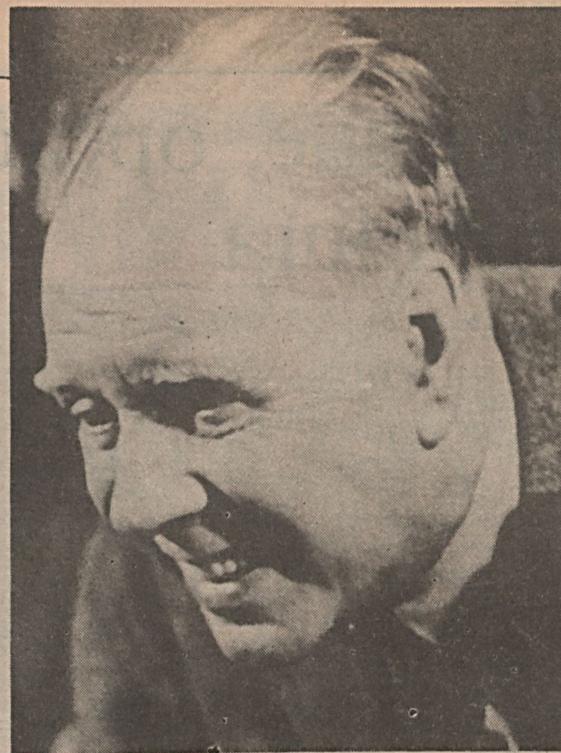
E filiar Meursault à má consciência do inevitável colapso dos ideais humanistas (aos quais Sartre desferiu golpes mortais) não é hoje uma profanação de Camus. Antes, o próprio Camus decretaria sua morte filosófica (mas nunca literária) ao acreditar em valores éticos que deveriam preceder a ação histórica. "A miséria impediu-me de crer que tudo está bem debaixo do sol e na história. O sol ensinou-me que a história não é tudo". Assim ele quis, durante a guerra da Argélia contra o colonialismo francês, apaziguar a fúria bélica dos guerrilheiros para fundar uma utopia de boa convivência entre os argelinos e seus opressores. Uma convivência que pressupunha a independência de sua terra natal, mas alcançada pacificamente.

O "homem mediterrânico", o sonho camusiano de equilíbrio entre solidão dionisíaca e solidariedade ética, era um ingênuo apelo frente à lineridade

da guerra. Portanto, Meursault surge hoje não do impacto do sol contra a areia, mas das trevas de uma consciência que reconhece sua inocência perdida. Enterrada aquela consciência que punha moralidades altivas no arcabouço ideológico de qualquer projeto de mudança social, resta hoje o enxovalho histórico da consumação final e da culpa inefável pelo fêretro das ilusões passadas. The Cure não é, decididamente, camusiano. "Killing an Arab" não é, contudo, um equívoco. Trata-se de um canto solitário, dramática expressão de enclausuramento e alheamento. Entre acordes infundáveis, que se arrastam repetitivamente numa tensão que posterga ao máximo o repouso temático, Robert Smith declama seus pesadelos angustiantes. E, por serem dramáticos, esses pesadelos distanciam-se da tragédia solar de Camus. Não há mais acasos irreversíveis, apenas negras expectativas.

Amores perversos, sonhos delirantes, solidão e loucura, temas recorrentes do The Cure. Longe de serem compassivos ou esterelizantes, no entanto, esses hinos à escuridão são uma arrebatadora reflexão sobre a condição humana. Patéticas reflexões, que em abril encerraram o festival Sound Waves for Greenpeace, que colheu fundos para subsidiar a paz verde. Camus dizia que "o homem não é inteiramente culpado, não foi ele que começou a história; nem completamente inocente, já que ele a continua". Talvez seja essa a conexão mais íntima entre o último humanista e os incuráveis arautos do desespero.

Manuel da Costa Pinto *aluno de Jornalismo*



Borges, uma noite a menos

No dia 14 de junho de 1986 morreu o escritor Jorge Luis Borges aos 86 anos

Falar de Jorge Luis Borges morto é como invadir um território minado de referências por todos os lados. Além disso, sua morte não é surpreendente. Na verdade, Borges também foi dono de sua morte, conviveu com ela e deve tê-la acariciado ou cutucado com sua bengala de cego.

Não nos deixou muito o que dizer sobre ele a não ser costurar sabiamente textos dele próprio para fazer brilhar os nossos e elevá-los à qualidade borgeana. O mais delicioso egoísta do século, Jorge Luis Borges não nos permite a autoria completa de um texto sobre ele sem que paire, entre um parágrafo e outro, a tentação de buscar um pedaço de seus tratados gerais sobre tudo.

Os livros ficam ao lado da máquina de escrever e, à cada vírgula, uma imagem fantástica de um castelo, de um árabe infame ou de um labirinto de estrutura arcaica mesclada com elementos de um quase futuro, nos beliscam os dedos e sussurram, com sábio sotaque: — Borr-res.

Se nele os caminhos se bifurcam e a delícia de sua narrativa é a impressão de poder utilizá-lo como aeronave para percorrer muito mais de mil e uma noites, a presença de Borges no imaginário do leitor tem a graça de um eterno retorno.

Irredutível em uma passagem específica que ilustre seu "estilo" ou seu caminho literário, Jorge Luis Borges pode ser lido com a maior atenção para seguir um preciso raciocínio que se traveste de ciência ou com o desleixo de quem vira as páginas antes do sono, para buscar roteiro de viagem naqueles preciosos minutos antes de cerrar os olhos.

Assim, o ecumênio autor que se fez literatura a vida inteira, nos induz aos seus textos

para que possamos descobri-lo e neles nos encaminha de volta. Talvez por isso, sua morte tenha um sabor paradoxal. De um lado, o escritor Borges sempre falou de um lugar sem tempo, brincando de Homero e produzindo frases que podiam ser confundidas a todo instante com citações bíblicas, pelo tom e pela argúcia. De outro lado, pontilhando sua narrativa complexa aparecem elementos de um presente imediato ou de recordações de infância que fazem dele um homem desse século.

E Foi Assim Porque Estava Escrito

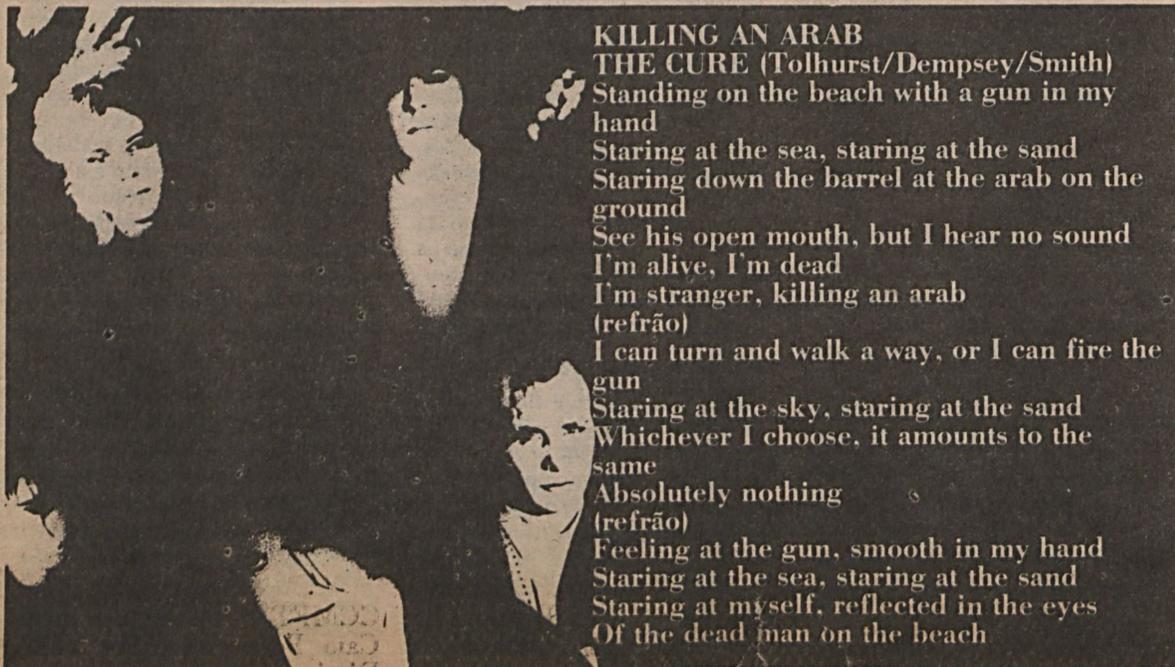
Desse ponto de vista, sua morte não aflige.

O personagem Borges é um sábio milenar, nascido na Torre de Babel, um nada errante andarilho que atravessou todos os tempos imemoriais através de seqüências de espelhos, sonhos seculares e teve sua última aparição num país incomum, de nome Argentina.

Viveu a vida de um menino curioso por gravuras e mapas que fustava avidamente bibliotecas, gostava de passear pelas ruas e tinha fascínio pelos zoológicos, onde ficava horas apreciando tigres e leões.

Muitos anos depois, ao se deparar com seu último espelho, lembrou-se de sua origem, apagou diante de si as imagens do presente fugaz e voltou a percorrer seu implacável destino, nas páginas de alguma enciclopédia, na parte de Literatura Fantástica, na letra B.

E assim ficará, até um dia em que um menino qualquer, devorador meticuloso de verbetes, fique furioso ao retirar da Biblioteca Nacional, um falso volume, de uma falsa edição e de um autor falso, onde faltam cerca de mil e uma páginas, sem nenhuma explicação.



KILLING AN ARAB
THE CURE (Tolhurst/Dempsey/Smith)
Standing on the beach with a gun in my hand
Staring at the sea, staring at the sand
Staring down the barrel at the arab on the ground
See his open mouth, but I hear no sound
I'm alive, I'm dead
I'm stranger, killing an arab
(refrão)
I can turn and walk a way, or I can fire the gun
Staring at the sky, staring at the sand
Whichever I choose, it amounts to the same
Absolutely nothing
(refrão)
Feeling at the gun, smooth in my hand
Staring at the sea, staring at the sand
Staring at myself, reflected in the eyes
Of the dead man on the beach

Fotos de Gerson Sintoni



O maestro tenta coordenar... as forças diversas do CUCA

E o CUCA veio pegar...

Sexta-feira 13, tem aquele folclore todo de dia maldito, onde o inusitado emerge e as forças do bem e do mal pairam desorganizadas pelo ar.

No dia 13 de junho, além de tudo, embora na PUC não haja nenê para nanar, a CUCA veio pegar, e pegou firme, na apresentação noturna na rampa.

O "CUCA Horror Show" foi uma comemoração dos 13 anos do Coral dos Universitários da Católica, com um repertório que percorreu 5 séculos numa condensação mágica de uma hora. No programa figuravam músicas de Monteverdi, Bach, Caetano Veloso, Vila Lobos e Chico Buarque, entre outros.

Essa variedade temática do CUCA tem muito a ver com a própria estrutura do Coral, que conta com aproximadamente 40 coralistas entre alunos, ex-alunos e amigos de amigos, que se unem todos pe-

lo amor à música e por serem todos dotados de 'bom tom'.

Segundo o maestro Renato Teixeira Lopes, fundador do Coral, os requisitos básicos para cantar no CUCA são a vontade de aprender música, ter um certo repertório (mesmo sem experiência de canto), ritmo e afinação. Este último item, porém, é contestado por alguns coralistas que afirmam: "aqui a gente afina até pedra". O fato é que, para a alegria dos potenciais cantores que sonham em cantar mas tem medo de sair do tom, nos 13 anos de história do CUCA apenas três pessoas desistiram por absoluta falta de jeito. Para Renato, tudo é uma questão de trabalho. E o trabalho começa, para o iniciante, num teste para avaliar as condições e em que naipe de voz se enquadra. Depois, evidentemente cõncio da potencialidade de sua garganta, o coralista já entra de sola nos

ensaios. O CUCA, mesmo sendo um coral amador, tem um ritmo puxado de apresentações em casamentos, festas, encontros universitários e shows. Momentos de glória lembrados pelos coralistas foram as três apresentações com o Rei Roberto Carlos, no Ibirapuera, em Piracicaba e Araraquara: "foram shows perfeitos, uma enorme produção, luzes e público fantástico. Só faltou tirar o Rei do palco para ficar ideal".

As apresentações fora da PUC são formas de manter o coral funcionando, já que todos cantam de boa vontade, mas precisam de dinheiro para custear as viagens.

Após a apresentação na rampa, o Coral seguiu em mini passeata cantante pelo campus da Monte Alegre, em homenagem à lua minguante que brilhava o céu. E ainda não era meia noite...

Teses

"Sobre a congruência $y^2 = x^3 - a$ (mod. m.o.d.t.)" — Custódio Thomás Kerry — programa de Matemática — dia 26/06/86 — às 15:00 hs. Campus Marquês de Paranaguá. Mestrado.

"Alimentação e os aspectos de suplementação alimentar ao pré-escolar — uma experiência do Serviço Social" Toquie Ueda Robortelha — programa de Serviço Social — dia 27/06/86 — às 9:30 hs — Mestrado.

"Creche papel de págens e administradora, realidade e fantasia" — Graziela Huecu Maldonado Loch — programa de Psicologia da Educação — dia 27/06/86 — às 9:00 hs. na sala 239. Mestrado.

"A noção do corpo na antropologia Platônica" — Maria Carolina dos Santos — programa de Filosofia — dia 04/07/86 — às 9:00 hs. sala 239 — Mestrado. "Do elogio à crítica: de Foucault e a Psicanálise na História da Loucura e na Vontade de Saber" — Ernani Pinheiro Chaves — programa de Filosofia — dia 04/07/86 — às 15 hs. — sala 239 — Mestrado.

"A Língua estrangeira na escola de 1º grau: o aspecto formativo" — Daniel N. Martins da Costa — programa de Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas — dia 31/07/86 — às 9:00 hs. na sala 239 — Mestrado.

Re-vido a formação do professor secundário nas universidades públicas do Estado de São Paulo" — Maristela Veloso Campos Bernardes — doutorado em Psicologia da Educação — dia 01/07/86 — 14 hs. — sala 423.

QUALQUER NOTA

Ambulatório

O ambulatório médico da PUC tem novos horários. De segunda à sexta das 8 às 22 hs e aos sábados das 8 às 13 hs, é o atendimento de enfermagem. Os médicos clínicos da PUC, Dr. Nilton Teixeira, dá plantão às 2ªs e 4ªs das 13 às 17 hs e às 3ªs e 5ªs das 14 às 20hs. O Serviço da Assistência Médica contratado pela PUC, a Intermédica São Camilo, coloca médico de plantão às 2ªs, 4ªs e 6ªs das 19 às 21 hs.

Visual puqueano vende imóveis em Perdizes



Foto de Augusto Nazário

Seria um encontro casual entre duas garotas e um guri, em frente ao prédio da Reitoria, na Monte Alegre.

Uma delas podia ser estudante de Letras e a outra de Serviço Social, o guri, aluno de Economia, ala "lights".

Mas a cena fazia parte de um filme publicitário realizado no dia 17 de junho, às 11 hs, e produzido pela Fine Arts para localizar as "atrações" do bairro de Perdizes buscando proprietários para um prédio de apartamentos.

Pólo turístico x Parque Nacional

O "SP — Social Pró Verde" organizou uma exposição de fotos e a exibição de um filme sobre o arquipélago Fernando de Noronha.

"Em sociedade tudo se sabe. Mas nem tudo se revela..."

(Perry White, by permission)

A entidade se posiciona contrária à criação de um Pólo Turístico nas ilhas e apóia um projeto de transformação de Fernando de Noronha em Parque Marinho Nacional. Tanto a exposição de fotos como o filme tem um caráter de mobilização para a luta contra o desequilíbrio ecológico.

A exposição fica de 23 a 28 de junho, no saguão da Secretaria do Interior, Av. Consolação nº 2.333, e no dia 26, 5ª feira, será exibido o filme, seguido de debate para discutir com autoridades do governo e grandes nomes ligados à ecologia no Brasil, o projeto do Pólo Turístico de Fernando de Noronha, que vem sendo elaborado pelo governo.

Lançamento

A Audiologia Clínica é um campo de Fonoaudiologia onde existem muito poucas publicações acessíveis, a maior parte da bibliografia sobre o tema é em língua estrangeira, o que dificulta muito a vida dos estudantes que não são políglotas.

Autoras pionieras nesta área, as prof.ªs Teresa Maria Momensohn dos Santos e Iêda Chaves Pacheco Russo, do Depto. de Distúrbios da Comunicação do Centro de Educação da PUC, têm mais um trabalho na praça, o livro "A prática de Audiologia Clínica", editado pela Cortez, que visa contribuir para o ensino e pesquisa.

O lançamento será no dia 23 de junho, às 20 hs na Cantina do Círculo Militar de S. Paulo, rua Abílio Soares, 1589, e as autoras convidam toda a comunidade.

Jogo de Cintura

Luta de Classes II

A resposta do reitor em relação à liberação da quadra aos domingos para a continuidade do Torneio de futebol "Luta de Classes", promovido pelo CACS, foi afirmativa. Porém, um funcionário terá que abrir a quadra e o funcionário indicado quer Cz\$ 300,00 por esse serviço. Os alunos não querem pagar e novamente embolou o meio de campo. Será que o árbitro apontará penalidade máxima?

Biodança em breve

A Biodança é um sistema de desenvolvimento e integração humana que utiliza as vivências integradoras a partir da música, dança, canto e exercícios de comunicação em grupo. Está em formação um grupo, patrocinado e promovido pelo CA de Psicologia, que pretende se encontrar semanalmente para "Biodançar" a partir do segun-

do semestre. Já houve uma reunião na 5ª feira, dia 19, mas o grupo ainda está aberto para receber adesões de estudantes, funcionários e professores. Para entrar em contato basta procurar o Centro Acadêmico de Psicologia.

Nas paradas internacionais

Com embarque marcado para dia 3 de julho, um time de futebol de campo formado por alunos e ex-alunos da PUC fará 8 jogos na Europa (Bélgica, Alemanha e França).

O time treina todas as segundas-feiras no campo do Marítimo (marginal Pinheiros) à noite. 20 craques sob a batuta do Cassio Elisabethsky, que foi aluno da Administração se preparam para enfrentar por vinte dias, em jogos amistosos, vários times europeus. Até o dia 23 de julho (data marcada para a volta) eles se hospedarão em casas de família e em alojamentos universitários.

BOTANDO BANCA

"Onde eu possa plantar meus amigos, meus discos e livros" Você agora pode encontrar aqueles livros e revistas nacionais e importados, discos e fichas da Telesp; se chegar cedo, até jornais. Rua Monte Alegre em frente ao Prédio Velho. (Dia e Noite) Aceita-se encomendas.

Seção Coruja

A petizada continua brotando, nos últimos 20 dias nasceram: Eduardo (30/5) filho de Maria Alice N. A. das Chagas, da Dedirc; Renata (02/6) filha de Marta e Geraldo Houck Fº — CRH; Bruno (15/06) filho de Tânia Rosa Serafim do CCMFT e Elisabeth, filha do Caio Pereira Santuoci, Fac. Direito.

Vá estudar com esse Barulho

Uma discussão nada silenciosa acerca dos decibéis que reverberam pela Monte Alegre e Marquês de Paranaguá.

"Após a poluição das águas e do ar, a poluição sonora vem se transformando na 3ª maior ameaça ao habitat humano. Além disso, a tendência é que o nível de ruído aumente com o passar dos anos, devido ao aumento das atividades humanas." (Cadernos Distúrbios da Comunicação — Física Acústica e Noções Básicas de Eletrônica Aplicadas à Fonoaudiologia)

Quem não se incomoda com o barulho? Com o silêncio? Também. Mas a realidade da sociedade contemporânea é o ruído. As pessoas têm necessidade de fazer barulho e para isso utilizam-se de vários recursos: abrem escapamentos de carros e motos, buzina em túneis ou no trânsito engarrafado, apitam cornetas em jogos esportivos, batucam em mesas e gritam em corredores escolares para se sentirem vivos e presentes, para expressarem impaciência ou alegria, ou por pura falta de educação.

Adquirimos nossa linguagem falada através da audição e cada vez mais a bombardeamos. Quanto mais isso acontece, perdemos gradativamente nossa capacidade de comunicação além de nos sujeitarmos a um grande perigo, já que a audição é o nosso sentido de alerta.



O universo de ruídos que atinge a todas as pessoas dentro da PUC tem-se agravado a cada dia. Na última reunião do Cecom (Conselho Comunitário) foi discutida a questão da poluição sonora e ambiental no

capus da Monte Alegre, e também um problema que perturba há quase 2 anos a Marquês de Paranaguá: o circo do Projeto SP, onde há shows de músicas que chegam aos 100 decibéis, fazendo vibrar vidraças das salas de aula daquele centro.

O Cecom vai nomear uma comissão mista para fazer uma campanha na universidade, visando promover o respeito às atividades acadêmicas. Na Marquês de Paranaguá o problema já foi parar na Justiça, mas os proprietários do Projeto SP ganharam uma liminar. Depois de abaixo-assinados de alunos, professores e moradores para que se fechasse o Projeto SP, e da tentativa do prefeito de interditá-lo, a PUC aliou-se à pressão geral e enviou, na última semana, uma notificação aos proprietários para que, segundo Alípio Casali, vice-reitor administrativo, "suspendam o barulho em 10 dias, caso contrário tomaremos as medidas judiciais cabíveis".

Mas nem todos são a favor do fechamento daquele espaço. Prova disso é que também foi produzido um abaixo-assinado a favor do funcionamento do Projeto somente nos fins de semana. O barulho está generalizado e, no mesmo tom, corre o burburinho de que alguns alunos teriam sido brindados com "permanentes" do Projeto SP, quando foram reclamar diretamente com os proprietários.

Monte Alegre

Na Monte Alegre as fontes de ruídos também são muitas, desde um bar barulhento no centro do prédio novo, passando pelas algazaras contumazes nos corredores, até às buzinas impacientes nas ruas ou os berros do verdureiro que passa com o megafone.

Segundo Antonio Aléssio Filho, físico da área de Ruído e Vibração da Cetesb, os índices aconselháveis para um ambiente de sala de aula são de 35 a 45 decibéis, numa escala em que o "barulho da natureza" é de 10 a 20 decibéis. Nesta escala de permissividade sonora para o ouvido humano, temos que a poluição sonora é considerada a partir dos 85 decibéis e seus efeitos são divididos em dois grupos. Os efeitos auditivos vão desde a perda temporária da audição (fadiga e adaptação auditiva), até aos danos irreversíveis causados por traumas acústicos, que se verificam quando o ouvido atinge o "limiar da dor" — aproximadamente 140 decibéis, nível de ruído que só se observa na cabeceira das pistas dos aeroportos e nas plataformas de lançamento de foguetes.

POW

Os efeitos extra-auditivos, por sua vez, acarretam distúrbios no sono e repouso, na conversação, leitura e lazer, no aparelho circulatório, digestivo, muscular, elevação do metabolismo e, até, no desenvolvimento de neuroses.

Perigo

Iêda Chaves Pacheco Russo, professora de fonoaudiologia da PUC, explicou que o que determina a nocividade auditiva é a intensidade do ruído. "Sendo superior a 85 decibéis já é nocivo, e quanto maior o tempo que uma pessoa se expõe, se o recinto é fechado e dependendo da susceptibilidade individual, maiores são os danos."

Na PUC o nível de ruído é muito grande em determinados horários, mas não é constante. Isso, segundo Flávio Alba, professor de Física da PUC, é pior, pois quando o som é uniforme quase não o percebemos e nos acostumamos com ele. Se o ruído é periódico, como na PUC, dependendo da relação tempo / frequência, fatalmente prejudicará o sistema nervoso.



Um grupo de trabalho está elaborando uma proposta de atendimento médico-hospitalar preventivo para a PUC. Este grupo nasceu do Serviço Médico e da Coordenadoria de Educação Física que, numa análise inicial das condições vividas por um grande contingente de pessoas num espaço onde a poluição sonora e ambiental cresce cada vez mais, sentiu a necessidade de estruturar e implantar, aqui, um serviço médico próprio.

Segundo Nilton Teixeira, médico do ambulatório da PUC, "pessoas que trabalham ou estudam em ambientes muito atribulados podem apresentar alterações de conduta como irritação, agressividade e angústia". Para ele, o serviço médico de uma comunidade deve ser diferente de um consultório. Por isso, a necessidade de reformulação do nosso Serviço Médico.

A Cetesb é a encarregada de averiguar as denúncias de poluição sonora causada por indústrias em todo o Estado. Em outros casos, como por exemplo casas de espetáculos, bares e demais locais de entretenimento, as denúncias devem ser feitas junto à prefeitura ou à regional do bairro. Porém, se

uma escola quiser aferir seus níveis de ruído para verificar o grau de poluição sonora, terá que contratar uma empresa especializada.

O Porã Duda tentou, junto à Cetesb, fazer a aferição dos níveis de ruído da PUC. Mas encontrou apenas boa vontade e a justificativa de que o órgão tem poucos equipamentos e pessoal disponíveis para dar conta dos serviços sob sua responsabilidade.

Hoje em dia convivemos com muito barulho e o assimilamos sem refletir sobre ele. Existem estudos que indicam que vamos ter de modificar os níveis de normalidade auditiva nos grandes centros urbanos. A poluição sonora é um problema urgente e deveria ser tratado de maneira mais séria. A universidade poderá ser o ponto de partida para uma conscientização maior desse problema, principalmente a PUC, que está no meio de uma das cidades mais perigosamente poluídas do planeta.

"A longo prazo, os ruídos podem também causar efeitos fisiológicos muito graves. Pesquisas realizadas por médicos entre os índios do Xingu revelaram que nativos de 70 anos possuem uma audição tão eficaz quanto a de um homem nascido na cidade, porém, 40 anos mais novo. Essa perda progressiva de audição do homem moderno leva a uma predição científica bastante assustadora: até o ano 2.000, nas cidades de alta taxa de poluição sonora, todos estarão surdos." (Cadernos Distúrbios da Comunicação).

BUM!